



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Coletivo Vivas

Bianca Adami Romero

Carandá Viva Vida Educação – biancaromero2@gmail.com

Resumo: O Coletivo Vivas é um grupo escolar secundarista feminista que surge em 2015, na Escola Carandá VivaVida Educação em São Paulo. O Vivas debate questões colocadas historicamente pelos feminismos com a intenção de refletir sobre os papéis sociais de gênero e sobre a construção de novos caminhos sob tal perspectiva. Criado por iniciativa das estudantes do Ensino Médio, os encontros são realizados quinzenalmente, a organização é coletiva, os processos de decisões são horizontais e contam com o meu auxílio como professora mediadora. Movimento que coloca, principalmente, as estudantes como protagonistas no debate político escolar. Ao solicitar um espaço oficial na escola para o aprofundamento da questão de gênero, a participação na seleção dos conteúdos, tradicionalmente considerados extracurriculares para a educação formal, passa a ser exigida. Insere no projeto pedagógico temas significativos para o grupo de estudantes, que dizem respeito ao bem viver e a atuação política. O Coletivo Vivas fez estudos teóricos, pesquisas quantitativas e qualitativas sobre a realidade dos estudantes da escola, performances, manifestos, exposições de arte, produção de fanzine e encontros com outros coletivos de secundaristas. Experiência pedagógica que tem fundamental importância na comunidade escolar, uma vez que faz parte do surgimento dos novos feminismos. Abarca a atuação de militantes jovens, a mobilização pelas redes sociais, a formação a partir de relatos de experiências e a perspectiva interseccional, que coloca a questão das identidades e pertencimentos como tônica para a construção de um movimento feminista diverso e representativo.

Palavras-chave: Educação, Feminismo, Juventude.

Introdução

O Coletivo Vivas surge em maio de 2015 na Carandá Viva Vida Educação, escola particular que atua desde 2010 na cidade de São Paulo, atendendo a aproximadamente 500 alunas e alunos, do berçário ao Ensino Médio, como fruto de um pedido realizado por duas estudantes. Ao saberem da existência de coletivos feministas em diversas instituições de ensino, conversaram entre si, com a família, com amigas e amigos procuraram a mim para demonstrar o interesse em propor tal discussão na escola. O convite que me foi feito consistia em realizar a mediação de um espaço destinado ao debate sobre feminismo oficialmente integrado na programação

das atividades escolares. Inspiraram-se, principalmente, no surgimento de coletivos feministas secundaristas nas escolas particulares e públicas de São Paulo¹, a partir de 2015, associado à maior veiculação das informações provocada

¹ Matérias sobre o surgimento de coletivos feministas nas escolas de ensino básico em São Paulo: EFRAIM, Anita. Como coletivos feministas mudam colégios de elite. **Estado de São Paulo**, São Paulo, 04 de abril de 2017. Disponível em: <://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,co-mo-os-coletivos-feministas-mudam-colegios-de-elite,70001726071> Acesso em: 18 de novembro de 2018. COLLUCCI, Cláudia e GRAGNANI, Juliana. Meninas formam coletivos feministas em escolas de ensino médio de SP. Folha de São Paulo, 1 de novembro de 2015. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/11/1701071-meninas-formam-coletivos-feministas-em-escolas-de-ensino-medio-de-sp.shtml>> Acesso em: 18 de novembro de 2018. RODRIGUES, Júlia. As Meninas estão mudando a escola. Nova Escola. [S.I.] [2015?]. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/465/feminismo-genero-meninas-mudam-escola>> Acesso em: 18 de novembro de 2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas da Educação

pelas redes sociais². Este fenômeno impulsionou a democratização do debate de gênero³ e criou mais ferramentas para a divulgação e conhecimento público de diversas iniciativas que se posicionam politicamente como feministas.

Neste sentido, em um contexto em que se afirmava que a escola se afastava da realidade dos estudantes por não ser condizente com as exigências da contemporaneidade, o surgimento de coletivos feministas demonstrou a potência política e o interesse por esta instituição que a juventude secundarista anunciava. Pautados pelas discussões do cotidiano e pela urgência de propostas educacionais que os contemplem, os coletivos feministas passam a praticar a busca em construir nas instituições de ensino espaços que sejam coerentes com a pluralidade dos temas e o apreço pela diversidade intrínsecos a tais movimentos.

A partir de três pontos de análise, descritos a seguir, podemos refletir sobre o significado dessa experiência na vida das pessoas envolvidas, no contexto escolar e

² Sobre a importância das redes sociais para os feminismos em São Paulo ver entrevistas com ativistas feministas em MOTA, Keli Rocha Silva. Feminismo contemporâneo: como ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país. Revista Extraprensa, v. 11, n. 1, p. 108-127, 29 dez. 2017.

³ Segundo Joan Scott (1991, p.19) “A história do pensamento feminista é uma história de recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e feminino; nos seus contextos específicos é uma tentativa de reverter ou deslocar seus funcionamentos. Os(as) historiadores(as) feministas estão atualmente em condições de teorizar as suas práticas e de desenvolver o gênero como uma categoria de análise”.

na inserção curricular de um tema de interesse de alunas e alunos:

- a) o primeiro ponto é o contexto em que surgem tais coletivos nas escolas particulares em São Paulo e em específico a trajetória histórica do coletivo Vivas;
- b) o segundo ponto trata da análise focada na perspectiva interseccional⁴, pretendida na atuação do Coletivo Vivas.
- c) o terceiro ponto é sobre o currículo escolar que é construído na perspectiva de rizoma a partir dos interesses dos estudantes;

A iniciativa constitui-se, então, como um novo espaço político de estudantes na escola, se diferencia do modelo de aulas regulares⁵ e com o tema de gênero norteando os encontros. Possui caráter inovador, uma vez que as agremiações estudantis, tradicionalmente, funcionaram para atender às demandas dos estudantes sem os recortes da formação de suas identidades. A emergência dos coletivos feministas infundem à instituição escolar o

⁴ Segundo Luiza Bairros (1995, p.461) sobre a perspectiva de interseccionalidade dos movimentos feministas “A outra tentativa mais recente de transformar as categorias mulher, experiência e política pessoal é o ponto de vista feminista (feminist standpoint). Segundo essa teoria, a experiência da opressão sexista é dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça, gênero e classe social interceptam-se em diferentes pontos.”

⁵ Na Carandá Viva Vida Educação as aulas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio tem duração de 50 minutos e o Coletivo inicia com uma hora de encontro a cada quinze dias.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

desafio de conviver, encarar e repensar o projeto pedagógico, a relação entre estudantes, a relação entre professores e todo o currículo de forma transversal, uma vez que tal olhar coloca a pergunta se tais questões são contempladas no dia a dia e na proposta política pedagógica da escola.

O objetivo inicial do grupo era discutir o que é feminismo e sua importância para a desnaturalização das relações de poder e de padrões de comportamento atribuídos ao sexismo. Com o passar dos anos a formação, as propostas e a atuação do coletivo Vivas foram sendo modificadas de acordo com o grupo que o compunha, devido à saída do terceiro ano do Ensino Médio das pessoas que o integravam. Oferece à comunidade escolar a convivência com jovens dispostos a participar ativamente da sociedade em que estão inseridos, que propõem projetos, fazem reflexões acadêmicas e politizam o cotidiano da instituição.

Metodologia

Os encontros do coletivo Vivas passaram a ser realizados a partir de maio de 2015, quinzenalmente, na escola Carandá Viva Vida Educação. A cada ano o planejamento inicial é explicitado em uma carta de intenções que norteará as atividades durante o período letivo, sendo que seu conteúdo é analisado pela direção, coordenação e mediação.

A programação das atividades é realizada por organização coletiva, assim os encontros são planejados de acordo com os interesses do grupo que compõe as reuniões e a forma dos processos de decisão possuem a perspectiva da horizontalidade. Os encontros podem ser frequentados por todos os estudantes que cursam o nono ano do Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, e, tal recorte foi realizado com o objetivo de estabelecer o debate de gênero com alunas e alunos que tem condição de maturidade segundo a faixa etária e as experiências de discussão vivenciadas em sua trajetória escolar.

Contam com o meu auxílio como professora mediadora, fato que coloca o coletivo em diálogo com as instâncias da coordenação, direção e com os princípios pedagógicos da escola, uma vez que as propostas que surgem precisam ser debatidas no âmbito do projeto político pedagógico da instituição.

O método de trabalho assumiu formas diversas com o decorrer dos anos. Essa realidade deve-se, em parte, pela composição do grupo de estudantes que participam do Vivas. A participação na organização, debates e reuniões é aberta e não obrigatória, portanto, as pessoas que constroem o trabalho escolhem estar nesse espaço de formação, sendo que há aquelas



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Educação

que permanecem os quatro anos, aquelas que escolhem participar por um tempo e aquelas que estão junto do coletivo em situações pontuais. Tal realidade faz com que o grupo permanente de integrantes lide com novas presenças e com a renovação do quadro anualmente, devido à finalização da escolaridade no terceiro ano do Ensino Médio. Essa dinâmica atribui ao coletivo Vivas um espaço de permanência e renovação constante de sua organização e das suas propostas enquanto iniciativa atuante na instituição escolar.

Resultados e Discussão

A difusão do debate feminista nas redes sociais estimulou de forma contundente a formação de diversos coletivos feministas nas escolas de ensino básico na cidade de São Paulo. A oportunidade de falar na primeira pessoa, o amplo espectro de propagação e o acesso às redes fez com que diversos movimentos fossem reconhecidos e passassem a levantar questões há tempos debatidas pelos movimentos feministas. As campanhas promovidas pela ONG Feminista Think Olga como a “chega de fiu fiu⁶”, sobre assédio sexual em lugares públicos, e a “meu primeiro assédio⁷”, sobre assédio

⁶ Chega de fiu fiu. (Think Olga, 2013) Disponível em: <<https://thinkolga.com/2018/01/31/chega-de-fiu-fiu/>>. Acessado em 18 de novembro de 2018.

⁷ FARIA, Juliana de. Hashtag Transformação: 82 mil tweets sobre o #PrimeiroAssedio. Think Olga. [S.I.], 26 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://olga-project.herokuapp.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>>. Acessado em 18 de novembro de 2018.

sexual, são exemplos da abrangência do problema e do debate. O acesso democratizado às redes também permitiu que os grupos feministas já organizados divulgassem seus trabalhos, além de promover diversas iniciativas como redes de compra e venda, de trocas, de trabalho com o objetivo de apoiar e fomentar o protagonismo das mulheres em variadas frentes. Os problemas vinculados à opressão da mulher e das relações de gênero são tão latentes que geram uma identificação em múltiplos setores sociais e também geram propostas de mudança dessa realidade. Tais identificações são campo fértil para o surgimento dos coletivos feministas secundaristas de São Paulo.

Na Carandá Viva Vida Educação a solicitação das estudantes foi realizada com o intuito de já nascer como coletivo feminista. O questionamento inicial, feito por mim, foi sobre o significado político de tal definição, uma vez que os movimentos feministas fizeram opções de lutas e enfrentamentos históricos em diversos contextos sociais. Assim, para o pretense coletivo, seria assumir tal legado. Então, inicialmente, esse espaço debateria questões presentes na trajetória dos movimentos feministas e as naturalizações das opressões de gênero para então traçar



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

um percurso autônomo, pertinente aos questionamentos daquele grupo em específico.

A primeira carta de intenções do coletivo feminista da Carandá Viva Vida foi enviada em abril de 2015. Decidimos que seria um espaço democrático, de formação e os limites de participação definidos segundo os critérios da faixa etária do nono ano ao Ensino Médio.

A preparação dos primeiros encontros contou com uma sensação de tensão sobre o debate, uma vez que a visão das reivindicações feministas recai em assumir essa posição política enquanto enfrentamento e fechamento de diálogo. Em contraposição a esse imaginário, as integrantes propuseram uma apresentação sobre o que é feminismo, a partir das ideias de Simone de Beauvoir em “O Segundo Sexo”, do histórico da Primeira Onda e Segunda Onda do feminismo⁸, e sobre a questão cultural dos papéis sociais

⁸ Para compreender os movimentos feministas no tempo é utilizada, tradicionalmente, a classificação de Primeira Onda do feminismo a partir da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, no contexto da Revolução Francesa, no século XVIII, e das lutas travadas a favor do sufrágio para mulheres no século XIX, principalmente na Europa; a Segunda Onda acontece a partir das décadas de 60 e 70 do século XX, referindo-se aos debates sobre a liberação sexual, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Tal classificação é amplamente questionada atualmente por não abranger outros movimentos contra o sexismo, de debate das questões das mulheres e das questões de gênero. Movimentos esses que não aconteceram em países do Norte ou mesmo de segmentos sociais de mulheres que não partilhavam, majoritariamente, a mesma classe social daquelas que faziam tais reivindicações, como as mulheres negras, as mulheres lésbicas, latino-americanas, africanas, indígenas e, assim, não foram consideradas na classificação homogeneizadora das Ondas.

atribuídos a mulheres, em contraposição ao femismo⁹, que seria o subjugamento dos homens para que as mulheres ocupassem os seus mesmos lugares sociais. A adesão a tal debate foi ampla e rendeu a decisão dos temas das próximas reuniões. Avaliamos que, por ser um espaço de formação, todos os encontros deveriam estar norteados por um vídeo ou uma bibliografia que nos auxiliasse.

Percebemos que a adesão segundo o tema de interesse de cada um era o que mobilizava os estudantes a participarem das reuniões. Avaliamos que essas escolhas se davam devido ao conforto da aproximação das pessoas com os temas, da curiosidade, da necessidade de posicionamento, sendo que opiniões divergentes foram uma característica dos debates. A conversa sobre orientação sexual teve menor número de presenças que a proposta de debate sobre a descriminalização do aborto, por exemplo. A questão da orientação sexual é bastante delicada, uma vez que as sexualidades estão em formação e vivemos em um contexto social em que a orientação sexual e as relações homoafetivas nem sempre são consideradas como possíveis, sendo que os indivíduos próximos e envolvidos com tal

⁹ Definido como forma de manter as desigualdades de gênero, similar ao machismo, porém inferiorizando os homens. DEUS, Jéssica de. Direitos da Mulher: Entenda a diferença entre o feminismo e o femismo. 2017. Disponível em: <<https://jessicadedeus.jusbrasil.com.br>>. Acesso em 18 de novembro de 2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Escala

questão, geralmente, são vítimas de preconceito dificultando a disposição do debate sobre o tema. O debate sobre “Padrão de beleza” rendeu uma intervenção permanente nos espelhos dos banheiros da escola, além da divulgação das atividades que passaram a ser realizadas com o nome “Coletivo Feminista CVV”, sendo que a sigla refere-se ao nome da escola. A cada oportunidade de encontro a identificação de opressões se transformaram em propostas que, através de intervenções, sugeriam práticas que erradicassem ações sexistas e discriminatórias no ambiente escolar. A exposição anual da escola, *Imaginarte*, também foi parte das atividades de 2015, com a publicação de um manifesto que anunciava a intenção do grupo.

As reuniões temáticas angariavam muitos atores diferentes da comunidade escolar, porém foram sendo compreendidas, pelo núcleo organizador dos debates, enquanto conversas que não se estancavam em uma única reunião, além de ser um fórum que não permitia que as questões relacionadas as experiências fossem trocadas entre as integrantes do grupo. Essa foi a avaliação final do ano de 2015: ampla participação, porém pouca sensação de lugar de acolhimento e aprofundamento das questões escolhidas para os debates.

Abaixo o texto que foi utilizado na intervenção permanente nos banheiros da escola:

Cuidado:
Os reflexos neste espelho podem estar distorcidos pelos ideais de beleza socialmente construídos.
Coletivo Feminista CVV

Figura 1: Intervenção permanente nos banheiros da escola

A avaliação do ano de 2015 colocou para as integrantes do coletivo feminista a dúvida sobre o formato da continuação do trabalho. Em 2016 foi solicitada, junto à mediação, a realização de reuniões frequentadas somente pelas meninas, uma vez que as relações de poder vinculadas ao gênero recaem de forma contundente sobre as mulheres. Considerando que nem todos os espaços são adequados para o compartilhamento de possíveis experiências abusivas ou íntimas, o formato restrito às mulheres possibilitaria a conversa sobre esses temas com menos entraves. Tal iniciativa não obteve autorização da mediação, da coordenação e da direção escolar; uma vez que pertencemos a uma instituição que oferece apoio pedagógico com coordenadoras e diretoras que ouvem as questões dos estudantes e de suas famílias, avaliamos que todos os espaços de formação deveriam receber as pessoas que



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas de Gênero

estivessem dispostas e pudessem frequentá-lo. Sobre as questões compreendidas como abusivas ou íntimas pensamos que têm espaços de escuta na instituição, sendo necessário ressaltar a condição de responsabilidade dos encaminhamentos adequados pelos envolvidos no processo de educação desses jovens.

Realizamos uma conversa sobre a carta de intenções de 2016 entre mediação, coordenação e direção onde os termos de continuação do trabalho foram combinados. As estudantes solicitaram maior autonomia na preparação das reuniões, sem necessariamente material prévio, menor intervenção da mediação e decidimos que a participação nas reuniões do coletivo continuaria sendo aberta. Os encontros passaram a ter cinquenta minutos de conversa e nos últimos dez minutos o tempo destinado para informes e avaliação da mediadora.

Com um número menor de participantes, foi encaminhada a ideia de fazer uma pesquisa sobre a realização das tarefas domésticas nas residências dos estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio como resultado de uma proposta feita pelo então professor de Ciências, com o objetivo de mapear as possíveis diferenças de gênero no desempenho de tais atividades pelas famílias e

pelos estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Os dados dessa pesquisa foram apresentados na *Imaginarte* de 2016. O questionário elaborado contava com sete perguntas objetivas sobre quem em cada residência realiza tarefas como: 1) exerce trabalho remunerado, 2) faz faxina, 3) lava a louça, 4) lava a roupa, 5) passa a roupa, 6) cozinha e 7) arruma os quartos. Foram 160 questionários respondidos e os resultados se desdobraram em vários gráficos, dos quais destaco três, demonstrados a seguir:



Figura.2: gráfico sobre o exercício de trabalho remunerado dos familiares dos estudantes consultados.

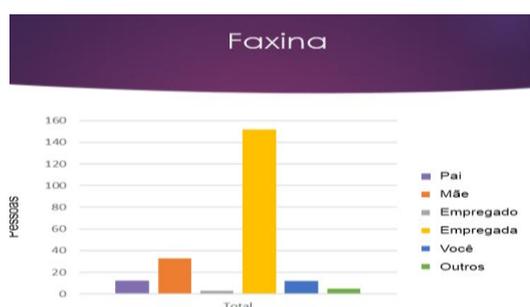


Figura 3: gráfico representativo das pessoas envolvidas com a faxina da casa. Os gráficos não representados aqui são, praticamente, uma repetição deste.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres, Dilemas e Políticas

Quantos alunos da Carandá VivaVida fazem as tarefas domésticas

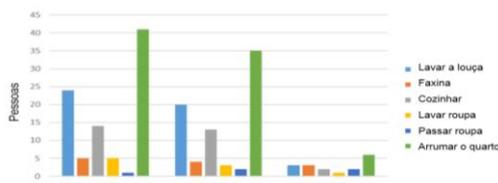


Figura 4: gráfico representativo das tarefas domésticas exercidas pelos estudantes consultados.

Eles demonstraram que: a) a diferença entre quem exerce trabalho remunerado em casa entre homens e mulheres, naquela comunidade, era muito pequena; b) a maior parte das tarefas domésticas não é realizada por membros da família e c) as tarefas exercidas pelos alunos se assemelham, porém com um acréscimo constante nas tarefas entre as meninas.

A pesquisa sobre o trabalho doméstico foi importante para que os estudantes passassem a olhar para a atuação do coletivo a partir do seu lugar de fala¹⁰, ou seja, do lugar social a que pertencem. A análise dos resultados levou os integrantes a refletir sobre os possíveis problemas em relação à opressão de gênero de pessoas do contexto social de uma escola particular, de um bairro de classe média, localizado na cidade de São Paulo. Um dos problemas identificados recaiu em considerar a

¹⁰ Djamilia Ribeiro ressalta que o lugar de fala pode ser utilizado para analisar situações sociais que colocam um grupo de indivíduos expostos a determinadas possibilidades segundo a intersecção de classe, raça, gênero, geração. RIBEIRO, Djamilia. O que é: lugar de fala?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

estatística que apontava que o trabalho doméstico, na maior parte das residências dos estudantes, é realizado por uma mulher, contratada, que não é integrante da família.

Portanto o debate de gênero desse lugar social é, constantemente, voltado para a ideia do “pessoal é político¹¹” com ênfase na experiência, ou seja, há um padrão de repetição identificado sobre papéis desempenhados por mulheres como frutos de uma opressão patriarcal que atribui a elas a condição da maternidade como central de suas identidades, a maior obrigação com as tarefas domésticas e a sexualidade que transforma a mulher em objeto sexual dos homens. Tais experiências, dentro de uma perspectiva hegemônica, seriam capazes de unificar todas as mulheres.

A questão da generalização das experiências é problematizada por Luiza Bairros¹², como um dos elementos que ofusca a diversidade de pautas do movimento feminista, uma vez que toma a categoria geral “mulher” como fixa e compartilhando opressões sem especificar as singularidades de cada contexto social. Assim é necessário olhar para estruturas sociais, como raça, classe e geração, para que as movimentações do coletivo

¹¹ Expressão consagrada no meio feminista nos anos 70.

¹² BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. **Revista de Estudos Feministas**, (UFSC. Impresso), Florianópolis, 1993, vol. 3, n. 2, pp. 436-463.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres, Matrões de Criança

feminista da Carandá Viva Vida Educação compreendam a dimensão das suas propostas e reivindicações, as possibilidades e os limites da sua atuação segundo o seu lugar de fala.

O coletivo feminista fez uma roda de conversa com os sétimos e oitavos anos com o tema identidade, conversa essa encaminhada a partir do relato de experiência de cada integrante sobre o porquê de participar desse espaço. Esse encontro aconteceu devido à curiosidade dos outros anos do Fundamental II sobre o funcionamento e as atividades do coletivo, fato que demonstra os efeitos da existência dessa iniciativa no ambiente escolar. É bastante comum a solicitação de professores, alunas e alunos, dos anos que não participam do coletivo, de uma roda de conversa para aprofundar temas que surgem nos grupos, colocando uma pista para a ideia de transversalidade curricular que o tema de gênero tem.

A avaliação das atividades de 2016 mostrou o fortalecimento pretendido do núcleo organizador do coletivo, porém também proporcionou o distanciamento de parte das pessoas que o frequentavam. Anunciava um problema: o possível esvaziamento do espaço conforme a demanda por responsabilidades ou os debates realizados tocassem em questões incômodas. A análise

pertinente ao lugar social do grupo aconteceu e permitiu enxergar que o papel tradicional de gênero atribuído às mulheres precisa ser desconstruído, prioritariamente, frente à categoria “mulher” como símbolo automático das mesmas opressões. Além de precisar ampliar o olhar sobre a questão da identidade confinada à maternidade, à sexualização dos corpos e ao âmbito doméstico, ainda referencial real e pertinente, porém, como questões que quando modificadas na estrutura social atendem, primeiramente, as mulheres das elites. Esta percepção impulsiona as reflexões sobre as conquistas alcançadas em relação a equidade de gênero; o pensar interseccional dos feminismos passa a questionar a noção de conquistas uma vez que não estão necessariamente abarcadas as reivindicações de mulheres que não compõe tal estrato social, majoritariamente, mulheres negras, mulheres periféricas, mulheres indígenas, mulheres lésbicas. Considerar as questões a partir do lugar social¹³ permite a tais movimentos travarem suas reivindicações dentro de um determinado espectro de atuação e problematiza a ação de se assumir como porta vozes de lutas que não

¹³ Segundo Djamila Ribeiro (2017: p. 63) “Como explica Collins, quando falamos de ponto de partida, não estamos falando de experiências de indivíduos necessariamente, mas de condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania. Seria, principalmente, um debate estrutural. Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades...”. Apud COLLINS, 1997.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Definição da Pessoa

são pertinentes a sua realidade, portanto é fomento para pensar a própria identidade como segmento social e racial. Também não torna invisível, ao pretender ter uma voz que pretensamente resolverá todas as questões, a atuação de coletivos feministas com outras tônicas reivindicatórias.

Em 2017, a saída das fundadoras do coletivo e a presença de novas integrantes fez com que o grupo sentisse a necessidade de buscar aportes teóricos que auxiliassem sua organização e identificação. Realizamos, em duas reuniões, a leitura e discussão do texto “Sejamos todos feministas de Chimamanda Nzozi Adichie. Os debates dos textos fizeram com que o grupo se dispusesse a pensar suas identificações com as vertentes dos feminismos e a sua própria organização. A pergunta mobilizadora “O que é o coletivo CVV para você?” foi o primeiro movimento na busca de um nome que dizia dos trabalhos do grupo, porém não houve aceitação de nenhuma das propostas trazidas. Assim a inscrição em um Congresso de estudantes fez com que todo o trabalho do grupo até aquele momento fosse organizado e analisado para participarmos do III ICLOC Jovem do Instituto Singularidades¹⁴, oportunidade

¹⁴ O ICLOC Jovem, promovido pelo Instituto Cultural Lourenço Castanho, é um congresso de estudantes que acontece anualmente na cidade de São Paulo. Reúne apresentações de trabalhos protagonizados por estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio de escolas públicas e particulares. ICLOC. Conheça o ICLOC. 2015.

que fez com que diversos encontros fossem realizados com tal tema, além da decisão das pessoas que fariam a apresentação ser debatida coletivamente e a seleção de conteúdos a serem apresentados mobilizou fortemente o grupo.

A avaliação do ano de 2017 foi de uma prática também considerada de fortalecimento do núcleo pertencente ao coletivo feminista, uma vez que os estudos teóricos e dos próprios trabalhos foram a tônica. Na elaboração da *Imaginarte* foi mapeada a visão da comunidade escolar sobre a atuação do coletivo, sendo que os depoimentos gravados foram expostos no evento.

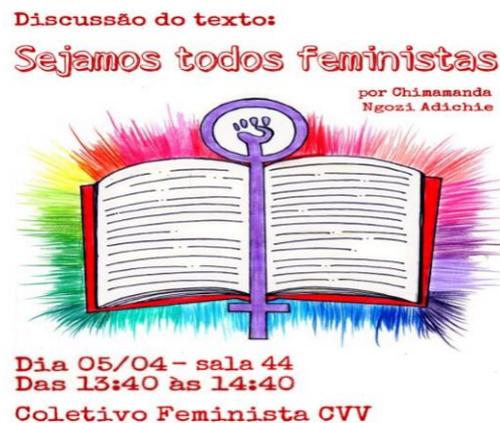


Figura 5: Cartaz de divulgação das reuniões do Coletivo CVV em 2017

Em 2018 as propostas iniciais do Coletivo eram da perspectiva de atuação. Assim a produção de um fanzine e o encontro com o grupo do nono Ano da Escola Estadual Paulo Rossi, proposto por uma mãe de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

estudante integrante do coletivo e professora daquela escola, foram os principais objetivos do trabalho. A produção do primeiro fanzine do coletivo CVV foi em março de 2018, mês que teve como marco funesto o assassinato da militante feminista e vereadora Marielle Franco, na cidade do Rio de Janeiro, devido ao seu posicionamento político. Assombrados com essa morte cruel, consonante com uma frase marcante dos feminismos latino-americanos “Vivas nos queremos” as integrantes do coletivo feminista encontram seu nome: Coletivo Vivas. Esta identificação remete, simultaneamente, ao nome da escola sede dessa iniciativa e ao desejo de manter vivas todas as pessoas que possam vir a sofrer em função das relações de gênero. O FanVivas Experimental foi distribuído para toda a equipe de professores e estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio da escola.

Para a preparação para o encontro com o grupo do Nono ano do Ensino Fundamental II da Escola Paulo Rossi três temas levantados junto ao grupo foram escolhidos para o debate: autoestima, padrão de beleza e sexualidade. A maior preocupação das integrantes em relação a esse encontro foi a condição da conversa ser realizada em uma perspectiva de troca e não com a pretensão de

formação. Para a preparação da reunião foram trazidos vídeos mobilizadores¹⁵ e o boneco do gênero¹⁶, para que a partir deles e das experiências apresentadas a conversa acontecesse. Na reunião o contato entre as estudantes foi imediato e não precisou de nenhuma mediação uma vez que a troca de experiências foi a tônica do encontro.

Abaixo, páginas do FAN Vivas, publicação que divulga as ideias e nomeia o coletivo feminista da Carandá Viva Vida Educação.



Fig 6: FANVivas, parcialmente visualizado pela capa, primeira e última páginas.

Com a intenção de pensar o currículo escolar da Carandá Viva Vida Educação, fundamentado no Projeto Político Pedagógico¹⁷ em princípios como

¹⁵ Ellora Haonne. Tour pelo meu corpo: expectativa vs realidade. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UaOuRxaV0kA&feature=youtu.be>>. Acesso em 18 de novembro de 2018. Luiza Junqueira. Tour pelo meu corpo. 2017. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=hDpHE2U4PEk&feature=youtu.be>>. Acesso em 18 de novembro de 2018.

¹⁶ O boneco do gênero é desenhado. A seta em sua cabeça se refere a sua expressão ou identidade de gênero, a seta em seu coração se refere a sua orientação sexual e a seta em sua genitália se refere ao sexo biológico.

¹⁷ CarandáVivaVidaEducação. Projeto Político Pedagógico. 2016. Disponível em:

<https://medium.com/@carandavivavida_34540/ppp-1-d4c6a8d11a4d>. Acesso em 18 de novembro de 2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Escala

identidade e alteridade, há a necessidade de interação com demandas sociais que surgem e o percurso do coletivo Vivas é um exemplo disso. Segundo Silvio Gallo, aportado em Deleuze e Guattari, o paradigma rizomático¹⁸ vislumbra a concepção de saber de diferentes origens, contatos e conexões. A dinâmica do Vivas possibilita a construção do saber que se conecta, se multiplica de forma heterogênea e múltipla uma vez que as discussões se derramam em todo o ambiente escolar, nas famílias e possuem alcances para além dos limites do conjunto envolvido diretamente nessa organização. Vinculado à perspectiva de rizoma e concepção de território, o percurso de formação e atuação do coletivo Vivas, é redefinido segundo os debates dos integrantes criando um mapa de atuação com possibilidades de extrapolar os pontos pensados pelo grupo, cartografia a ser traçada sempre e novamente (GALLO:1995). A escola como instituição em constante transformação e como lugar responsável pelos debates que emergem na

¹⁸ Segundo Gallo (1995, p. 104) sobre a forma do saber a partir do paradigma rizomático “A metáfora do rizoma subverte a ordem da metáfora arbórea, tomando como paradigma imagético aquele tipo de caule radiforme de alguns vegetais, formado por uma miríade de pequenas raízes emaranhadas em meio a pequenos bulbos armazenativos, colocando em questão a relação intrínseca entre as várias áreas do saber, representadas cada uma delas pelas inúmeras linhas fibrosas de um rizoma, que se entrelaçam e se engalfinham formando um conjunto complexo no qual os elementos remetem necessariamente uns aos outros e mesmo para fora do próprio conjunto.” Apud DELEUZE/GUATTARI, 1980:11.

sociedade, assume o papel de acolher, problematizar e se modificar a partir dos temas de interesse de sua comunidade.

Conclusões

O coletivo Vivas permanece há três anos como espaço criado e organizado de forma autônoma, com a minha mediação, pelos estudantes. Realiza mostras anuais e debates constantes sobre as questões políticas relacionadas ao tema de gênero. Agrega às discussões em sala de aula e à convivência entre estudantes a reflexão sobre as possíveis opressões sofridas e discriminações. Desafia as possíveis cristalizações de todos os atores da comunidade escolar em assumir a desconstrução de princípios e atitudes que hoje são nomeados como assédio e são compreendidos dentro de um sistema que perpetua opressões e desigualdades. Estabelece uma perspectiva de tema transversal, imanente das relações pessoais, possível de ser abordado em todas as disciplinas e que permeia a problematização dos caminhos de mudanças sociais. Trabalha no sentido de uma escola inclusiva, afeita à diversidade na construção de um mundo mais plural e sem preconceitos.

Neste sentido, os coletivos feministas secundaristas não são reduzidos ao âmbito da escola. Ao mesmo tempo que são



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

grupos de estudo, surgem de um movimento social, estão dentro de uma instituição solicitando um espaço formal, mas que propõe um outro tipo de dinâmica dessa formalidade e subverte a ideia de árvore do conhecimento professor–aluno, uma vez que a iniciativa e conteúdos são trazidos e trabalhados por todos na horizontalidade dos debates. Compreende a perspectiva de multiplicidade das mobilizações do saber do conceito de rizoma. Propõe uma nova concepção de relações sociais, de padrões estabelecidos de ensino aprendizagem e de dinâmica das instituições escolares.

Agradecimentos

À minha mãe, Maria José Adami, professora formadora militante aguerrida, orientadora dos meus trabalhos e motivo da existência.

Às estudantes do Coletivo Vivas que corajosamente inventam uma nova forma de escola, de relações pessoais e de mundo. Agradeço especialmente a Dhara Lucena, a Sofia Lucena, a Ana Clara Ramos e a Tarsila Trevisan por serem a mudança real na trajetória revolucionária das mulheres.

À Instituição de ensino Carandá Viva Vida Educação por me proporcionar, além de uma incrível experiência enquanto professora de História, a possibilidade de ser mediadora do Vivas. Isa

Telles e Ana Cristina Dunker, perguntas e limites de norte.

A mestra Janja, Rosângela Janja Costa Araújo, fundadora do Grupo Nzinga de Capoeira Angola, que colocou a capoeira dentro do meu corpo coração, me mostrou o feminismo, me desafia a desconstruir meus privilégios de mulher branca e anuncia o caminho de uma história de reconhecimento do legado revolucionário das matrizes africanas. Proposição de construção de um mundo radicalmente plural. Às mulheres que integram o Grupo Nzinga de Capoeira Angola, minhas companheiras de movimentos e da construção do feminismo angoleiro. Raquel Gonçalves e Manoela Zigiatti, parceiras mais velhas.

Ao meu amor, Daniel Marconi Silva, contramestre que me ensinou a capoeira, que acende cotidianamente minha perspectiva de busca conjunta por justiça social e vida comunitária.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejam todos feministas. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 458, jan. 1995. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/ar>



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulheres e Políticas da Educação

ticle/view/16462/15034>. Acesso em: 10 set. 2018.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo – volume único. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2009. [1949].

GALLO, Silvio. Conhecimento, transversalidade e currículo. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24. Programa e resumos. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 1995. p.97.

KARNAL, Leandro (Org.). História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2004.

MOTA, Keli Rocha Silva. (2017). Feminismo contemporâneo: como ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país. Revista Extraprensa, 11(1), 108-127. <https://doi.org/10.11606/extraprensa2017.139729>

RIBEIRO, Djamila. O Que É Lugar De Fala? Coleção Feminismos Plurais. São Paulo, Letramento, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Tradução Christine Rufino Dabat. Recife, 1991.